

Mobilização política das comunidades no noticiário local

Beatriz Corrêa Pires Dornelles

Resumo

Este artigo apresenta uma análise sobre textos que tratam da mobilização política da sociedade civil organizada pela solução de problemas e de práticas cidadãs, noticiada pelos jornais de bairro de Porto Alegre, além de apresentar dados administrativos, comerciais e editoriais dos mesmos, ainda desconhecidos pela imprensa gaúcha. A partir do conteúdo e da identificação dos gêneros jornalísticos, buscamos definir o grau de dependência deste segmento da imprensa em relação aos poderes públicos e do seu comprometimento com movimentos populares. Utilizamos a análise quantitativa e de conteúdo sobre três exemplares de cada um dos 26 jornais de bairro com circulação regular na capital gaúcha. A administração municipal é feita com a participação da comunidade, a partir da eleição de delegados regionais, que representam os interesses da população com relação ao uso da verba pública nas diversas regiões da cidade.

Palavras-chave:

Jornais de bairro, Políticas públicas, Imprensa local, Mobilização popular

Abstract

This article presents an analysis on texts that deal with the mobilization politics of the organized civil society for the solution of problems and citizen practicals, notified by district periodicals of Porto Alegre, besides presenting its administrative, commercial and editorial data, still unknown by the *gaúcha* press. From the content and identification of the journalistic kinds, we tried to define the degree of dependence of this segment of the press in relation to the public powers and its involvement with popular movements. We used the quantitative and the content analysis on three units of each one of 26 district periodicals with regular circulation in the *gaúcha* capital. The municipal administration is made with the participation of community, with the election of regional commissaries, who represent the interests of the population in respect to the use of the public budget in the various regions of the city.

Key words:

District periodicals, Mobilization politics, Local press, Popular movements

Os protagonistas da História

A partir da realização de uma pesquisa de campo, que levantou dados administrativos e editoriais dos jornais de bairro de Porto Alegre¹, além de reunir vários exemplares deste segmento, doados ao Núcleo de Pesquisa em Ciências da Comunicação² (NUPECC), este artigo apresenta uma análise sobre textos que tratam da mobilização política da sociedade civil organizada pela solução de problemas e em torno de interesses comuns, publicados pelos jornais de bairro. A partir do conteúdo e da identificação e frequência dos gêneros jornalísticos, buscamos verificar o grau de dependência deste segmento da imprensa em relação aos poderes executivo e legislativo e do seu comprometimento com a luta de movimentos comunitários.

A metodologia utilizada foi a análise quantitativa e de conteúdo, a partir do estudo de três edições, publicadas em meses intercalados no ano de 2004 (ano de eleição para Prefeitura e Câmara de Vereadores), de cada um dos 26 jornais de bairro em circulação em Porto Alegre, abrangendo as diversas regiões da capital gaúcha. Os jornais selecionados foram: *Bela Vista, Bom Senso, CS Zona Sul, Destak, Espaço Aberto, Fala Bom Fim, Fala São João, Floresta, Folha 3, Folha do Porto, Gazeta do Porto, GERAmigos, Informajuca, Já, Jornal do Centro, Jornaleção, Mais Petrópolis, MetrÓpole, Meu Bairro Partenon, O Cristóvão, O Noticiário, Porto Norte, Via Norte e Zona Norte*.

Os jornais de bairro de Porto Alegre são todos tablóides, com periodicidade mensal, distribuídos gratuitamente de casa em casa ou em pontos de alta concentração popular. A maioria circula com 8 ou 12 páginas, mas há jornais que já circularam com 32 páginas e outros com 4 páginas. A redação desses

jornais funciona com um único jornalista, que também pode ser o proprietário. Quase todos eles surgiram no final das décadas de 80 e de 90. São nas páginas desses jornais que encontramos a história dos líderes comunitários da cidade e do cidadão comum, que têm uma chance de manifestar publicamente suas opiniões sobre diferentes assuntos.

A pesquisa objetiva, além do levantamento e registro de dados administrativos, comerciais e editoriais da imprensa de bairro, estudar a cobertura jornalística das mobilizações populares e da prática da cidadania portoalegrense, identificando se os jornalistas desse segmento estão atentos à divulgação das demandas sociais das comunidades em que atuam e, na maior parte dos casos, também moram. Assim como Jacques Le Goff (1996), entendemos que os líderes comunitários e pequenos agentes de determinada comunidade são os grandes protagonistas da História, e não só os grandes nomes já conhecidos e perpetuados na sociedade, que ocupam cargos e posições de destaque, presentes diariamente na imprensa tradicional.

A análise desse tema se faz importante na medida em que a Prefeitura de Porto Alegre executa suas funções públicas a partir do Orçamento Participativo, estratégia onde os cidadãos, representados por delegados comunitários eleitos, são chamados, por região, para selecionar as principais áreas de ação do Executivo, participando, assim, diretamente da administração pública, bem como da fiscalização das obras.

Destacamos, ainda, a importância para o estudo de uma nova forma de associativismo, surgida nos anos 90, na qual a mobilização se faz a partir do atendimento a um apelo feito por alguma entidade, fundamentada em objetivos humanitários.

¹ Os dados foram levantados por Alessandra Scangarelli Brites, pesquisadora do CNPq, aluna do 7º semestre do Curso de Jornalismo da Famescos/PUCRS.

² O NUPECC, fundado em 2000 pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação Social da PUCRS, possui várias coleções de jornais e revistas, disponíveis para pesquisa de graduandos e pós-graduandos, e é coordenado pela pesquisadora Maria Helena Castro, do PPGCom.

Esse tipo de associativismo não demanda dos indivíduos obrigações e deveres permanentes para com a organização. A mobilização se efetua independentemente de laços anteriores de pertencimento, o que não ocorre com o associativismo de militância político-ideológica. O novo associativismo é mais propositivo, operativo e menos reivindicativo – produz menos mobilizações ou grandes manifestações, é mais estratégico. O conceito básico que dá fundamentação às ações desse novo associativismo é o de Participação Cidadã (Gohn, 2003: 18).

Ao dissertar sobre as novas formas de associativismo, Gohn (ibid.) registra que a comunidade, nessa nova era, é tratada como um sujeito ativo, e não como coadjuvante de programas definidos de cima para baixo. A participação, diz ela, passou a ser concebida como uma intervenção social periódica e planejada, ao longo de todo circuito de formulação e implementação de uma política pública.

Foi nos anos 90 que emergiu a experiência do orçamento participativo e de várias ações coletivas, que até hoje atuam como grupos de pressão. Movimentos de grupos afins ganharam impulso e as ruas, e, se suas histórias não estão relatadas na imprensa de massa, estão na imprensa de bairro. Destacamos os movimentos das mulheres, dos jovens, dos homossexuais, dos afro-brasileiros, dos desempregados, dos ambientalistas, dos protetores de animais, em defesa das crianças, dos indígenas, dos papeleiros, dos camelôs, pelas creches, pela educação, pela moradia, pela saúde etc. São essas mobilizações que analisamos neste estudo.

Na análise dos exemplares, classificamos as notícias a partir das seguintes categorias: assunto (mobilização popular e temas políticos); origem da notícia (bairro), inclusão

de fontes populares e gêneros jornalísticos: informativo e opinativo, conforme divisão estabelecida por Marques de Melo (2003), acrescentando-se a este último o relise (notícia orientada pelos que têm interesse em sua divulgação) e serviço, informações em forma de tabelas ou gráficos, indicando horários de serviços, eventos, jogos, reuniões, cursos etc.

Análise dos jornais

Identificamos que os profissionais da imprensa de bairro estão engajados na divulgação de políticas públicas, mobilizações e necessidades gerais das comunidades. Medidas, obras e investimentos, realizados pela prefeitura, nas áreas de segurança, educação, saúde, cultura, meio ambiente, comunicação e administração da cidade são notícias para esse segmento da imprensa.

Verificamos que a maioria dos jornais divulga artigos de vereadores e secretários do município, colaboradores eventuais. Eles apresentam um noticiário que revela a forma como o poder executivo está engajado às lutas dos cidadãos nas áreas acima citadas.

A quase totalidade dos jornais publica anúncio da prefeitura. No entanto, não representa mais do que 5% da receita anual de cada periódico. Sendo assim, nenhum jornal de bairro depende da publicidade da prefeitura para sobreviver, o que se pode pressupor maior autonomia e independência desses jornais em relação à publicidade governamental. Não foi o que levantamos em nossa análise. Número muito reduzido de edições apresenta algum tipo de crítica à administração municipal. Além disso, em 78 exemplares analisados, apenas 14 continham editorial (espaço da opinião institucional).

Os profissionais da imprensa de bairro estão engajados na divulgação de políticas públicas, mobilizações e necessidades gerais das comunidades

Em 2004 houve eleições para escolha do prefeito e vereadores. À medida que se aproximava o período das eleições (outubro-novembro), praticamente todos os jornais de bairro deram ênfase às ações de alguns representantes da administração municipal e de seus vereadores em relação às demandas sociais, através de notícias, reportagens e entrevistas. Os periódicos também forneceram espaço para o pronunciamento de políticos, na sua maioria vereadores, e de candidatos à prefeitura e à Câmara Municipal, através da publicação de artigos e comentários em colunas.

Por se tratar de uma imprensa local, que se autodenomina comunitária, é de se esperar que todos os jornais de bairro dêem cobertura e espaço para divulgação das ações dos líderes comunitários, especialmente dos representantes das associações de moradores de bairro. E foi o que encontramos. Apenas sete jornais, uma minoria, ignoram as atividades das associações de moradores.

A divulgação das ações políticas das associações de moradores dos bairros de Porto Alegre e de suas comunidades está entre os cinco principais temas divulgados pela imprensa local. Absolutamente tudo que é feito pelas entidades é divulgado nos jornais de bairro, como, por exemplo, suas reuniões, críticas, atividades, reivindicações, posições, homenagens passeatas, seus encontros com autoridades públicas e com a comunidade, convênios, protestos, debates, estatutos, entre outras ações.

Os jornais que mais divulgaram as ações das lideranças comunitárias foram justamente os três jornais pertencentes a associações de moradores. Destaque-se, no entanto, que seus presidentes concorreram a uma vaga na Câmara de Vereadores de Porto Alegre.

Ou seja, a divulgação também objetivou a propaganda política do candidato. Os jornais que adotaram tal atitude foram: “Fala São João”, “Geramigos” e “O Cristóvão”. Os nomes dos presidentes das entidades foram citados em várias notícias de projetos articulados pelas associações.

Outro tema presente em todos os jornais de bairro é o Conselho Tutelar, previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente. Em Porto Alegre, os conselheiros são eleitos pelos moradores dos bairros³ e recebem da prefeitura um bom salário⁴ para exercerem suas funções. Esses cargos têm sido cobiçados por todos os partidos políticos, pelas associações de moradores, por igrejas e por cidadãos inescrupulosos, que objetivam exclusivamente o salário dessa função. Raros são os casos de candidatos independentes, vocacionados para a função. O trabalho do conselho tutelar passou a ser utilizado como trampolim para candidatura de cargos políticos.

A opinião dos leitores, manifesta através de cartas ou e-mails, parece não merecer a atenção dos editores de jornais de bairro. Apenas um jornal, dos 24 estudados, destina freqüentemente espaço para publicação de cartas. Trata-se do “Mais Petrópolis”. Os demais não apresentam regularidade na publicação de cartas de seus leitores.

Assuntos com presença garantida na imprensa de bairro, dentre os cinco mais explorados, são: Segurança e Meio Ambiente, responsáveis por diversas mobilizações realizadas por pessoas de diferentes comunidades. As pessoas parecem passivas diante de determinados descabros de nossa sociedade (nenhum movimento registrado contra corrupção em Brasília, abuso de impostos), mas mostram-se vivas e bastante ativas quando o tema é segurança (contra violência,

³ Porto Alegre tem 8 microrregiões, com 5 conselheiros cada uma delas, totalizando 40 conselheiros. A partir de 2008, serão 10 microrregiões.

⁴ O salário de cada conselheiro é de R\$ 2.982,60, segundo informações da Secretaria Municipal de Administração, em 3 de setembro de 2007.

criminalidade e tráfico de drogas “na porta de suas casas”) ou meio ambiente.

Alguns enfoques verificados foram: projetos sociais contra drogas e violência; brutalidade de trabalhadores; encontro de membros da comunidade com a Brigada Militar e Secretário Municipal de Segurança; vigilância dos parques e praças; homenagens à Brigada Militar; desarmamento; movimento pela paz; instalação de câmaras de vigilância, doadas pela população, em pontos críticos de criminalidade, especialmente praças e parques; prostituição; mobilização de comerciantes; adoção de praças; protesto contra invasão de áreas de proteção ambiental; passeata contra corte de árvores; programa socioambiental; limpeza do lixo; protestos contra alagamentos; mobilização de moradores em defesa de áreas de interesse ambiental e outros.

As atividades que envolvem a participação da comunidade no Orçamento Participativo (OP) também estão presentes em quase todos os periódicos, que noticiam as datas, hora e locais das assembléias regionais e temáticas do OP, bem como seus resultados, demandas e prioridades dos bairros, andamento de obras decorrentes de decisões no OP e outros aspectos. Notamos, no entanto, a ausência de entrevistas com os delegados regionais do OP, eleitos pelas comunidades e responsáveis pelo que acontece em cada região.

Importante destacar, também, o alto índice de notícias na imprensa de bairro para políticas e atividades públicas e ações de moradores e entidades comunitárias envolvendo crianças e adolescentes. Entre elas, citamos a criação de telecentros, projetos sociais contra drogas, atuação de jovens nas associações de moradores, falta de professores na rede pública de ensino básico, convite de

escolas para debates com candidatos às eleições municipais, inclusão digital, atividades educativas para crianças, direitos e deveres das crianças, além de todas as matérias publicadas, envolvendo as atividades do Conselho Tutelar.

Ação conjunta

Em julho de 2004, 19 jornais, caracterizados como de bairro e/ou segmentado⁵ uniram-se para criar a Rede Jornal, atingindo, juntos, 740 mil leitores mensalmente. Segundo seus representantes, a Rede viabiliza o desejo dos jornais de qualificarem-se e fortalecerem-se nos aspectos editorial, comercial e de planejamento gráfico, possibilitando o intercâmbio de informações e realização de ações e estratégias conjuntas.

O lançamento da Rede contou com o apoio da Associação dos Jornais de Bairro e Segmentados de Porto Alegre, da Prefeitura Municipal e da Secretaria Municipal de Produção, Indústria e Comércio, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e da Feevale. Essa notícia foi publicada por todos os jornais de bairro, ocupando o espaço de uma página. Também serviu para mostrar a força de divulgação dos jornais quando eles se unem. Várias autoridades na época destacaram a importância da união dos jornais pequenos para a garantia da democratização da informação.

Destacamos que a *segmentação* dos jornais representa um grupo de impressos ainda esquecido pelos pesquisadores e pouco explorado pelos jornalistas empreendedores. Os estudos dão mais ênfase ao termo “especialização”. No entanto, é possível encontrar análises que consideram semelhantes as nomenclaturas *segmentação* e *especialização* na prática jornalística.

⁵ Entende-se por “jornal segmentado” aquele que divulga notícias de um único segmento da sociedade ou de um único tema, como, por exemplo, jornal da cultura, jornal das mulheres, jornal da comunidade negra, jornal de temas místicos etc. No Rio Grande do Sul, todos os jornais dessa categoria, assim como os de bairro, circulam entre seus leitores gratuitamente, como periodicidade mensal, tendo a maioria entre 8 e 12 páginas. A sustentação econômica desses periódicos se dá através da comercialização de espaço publicitário.

A *especialização* tem merecido mais atenção de alguns pesquisadores, inclusive, no ambiente acadêmico, já que o Jornalismo Especializado é uma disciplina em nível de graduação em várias faculdades do país. A *segmentação*, entretanto, ainda não mereceu a devida atenção por parte dos teóricos e pesquisadores da área. Por isso, muito há o que se dizer deste grupo. Alguns acreditam que a *especialização* prepara o jornalista para a *segmentação*, ou seja, é uma etapa que precede a *segmentação*.

A partir da leitura e da compreensão dos jornalistas da área, entendemos que o termo especialização jornalística significa informação dirigida à cobertura de assuntos determinados e em função de certos públicos, dando à notícia um caráter específico. Essa especificidade pode, também, levar à segmentação. Segundo historiadores da imprensa, o fortalecimento das especializações no Brasil acontece a partir de 1930, com transformações profundas na sociedade e nos meios de comunicação.

Lembramos que no período de 1964 a 1985, com a instalação do regime militar no Brasil, a especialização foi uma saída para a edição das notícias na imprensa, já que a cobertura de setores tradicionais, como política e área social, estavam sob constante censura dos militares. Coube aos jornalistas intensificar a cobertura da área econômica, popularizando a especialização.

A segmentação seria uma evolução da especialização, já que ela se propõe a ampliar e aprofundar a divulgação de uma área da sociedade, que possui constante atração junto ao público. A especialização limita o campo de ação da reportagem; a segmentação procura aprofundar o tema. A característica do leitor da imprensa segmentada é a vontade

de ver o assunto esgotado.

Ao analisarmos os jornais segmentados de Porto Alegre notamos que a segmentação da imprensa surgiu muito mais como um nicho de mercado, atendendo necessidades dos jornalistas, do que como uma demanda por parte do público. O mesmo pode-se dizer dos jornais de bairro. Os pioneiros desta área estavam desempregados e aspiravam poder praticar um jornalismo independente, sem a pressão das redações de grandes jornais. Além disto, sonhavam em escrever apenas sobre temas que lhe agradavam, e não serem obrigados a cumprir todo tipo de pauta e a praticarem a mediação social entre povo e governantes⁶.

Especialmente em função dessas necessidades (entre outras, em segundo plano), vários jornais segmentados, lançados no mercado gaúcho, tratam do mesmo tema – cultura -, muito apreciado por um grupo de jornalistas porto-alegrense. Hoje circulam cinco jornais na capital gaúcha com notícias culturais.

Jornais de bairro e comunitários

O mesmo problema de falta de definição conceitual encontra-se em torno dos termos jornal de bairro e jornal comunitário, além de encontrarmos diferenças significativas na prática do jornalismo de bairro em diversas regiões do Brasil. Os dois grupos possuem características específicas e também semelhantes.

Em Porto Alegre, ambos são distribuídos gratuitamente, viabilizados através da venda de anúncio, as tabelas de preços são semelhantes, bem como a estrutura administrativa, comercial e editorial, além da circulação. Os dois grupos circulam nos bairros, de casa em casa ou em vários pontos comerciais da

⁶ *Informações colhidas anteriormente para publicação do artigo de minha autoria "Imprensa comunitária: jornais de bairro de Porto Alegre". In: HAUSSEN, Doris Fagundes (Org.). Mídia, Imagem & Cultura. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.*

região que atuam. A periodicidade é a mesma: mensal.

Pequenas, médias ou grandes diferenças podem ser identificadas na forma de produção dos jornais. O adjetivo “comunitário” para jornal remete ao conceito de o jornal ser feito pela comunidade. No entanto, como a comunidade não tem apresentado interesse em produzir jornal, mesmo sendo requisitada, especialmente pelas dificuldades técnicas e financeiras, quem tem feito jornais comunitários no Rio Grande do Sul são os jornalistas, com ou sem remuneração. Assim, em Porto Alegre, jornal comunitário ou de bairro é feito *por* jornalista, *com* a participação e ajuda da comunidade, mas *não pela* comunidade.

Isso não quer dizer que o resultado sempre seja a identificação da comunidade nas páginas dos jornais. Muitas vezes a comunidade de um bairro não se reconhece nas páginas publicadas. Ocorre que a compreensão desse segmento de jornal passa mais pelo conhecimento dos interesses do produtor do jornal, de sua personalidade e de sua história do que pelas teorias do jornalismo e de produção da notícia.

Sendo assim, voltamos à análise das matérias de cunho político dos jornais de bairro de Porto Alegre. *O Fala Bom Fim*, de responsabilidade de um vereador da capital gaúcha, na época da pesquisa secretário municipal, é um jornal produzido por seus assessores, estando descaracterizado, em muitos aspectos, como um jornal comunitário, no que pese ter sido registrado como um jornal da Associação de Moradores do Bairro Bom Fim, destinado à comunidade. O vereador é notícia em várias matérias, além de assinar mensalmente uma coluna fixa do jornal, na qual expõe suas idéias.

**Em Porto Alegre,
jornal comunitário
ou de bairro
é feito por
jornalista, *com*
a participação
e ajuda da
comunidade,
mas *não pela*
comunidade**

No mesmo período, doze jornais divulgaram pouquíssimas informações sobre as demandas sociais da comunidade e as atividades e projetos da prefeitura para seus bairros (menos de 10% do total de matérias publicadas por cada um deles). Os jornais são: *Meu Bairro Partenon*, *O Grande Partenon*, *Destak*, *Floresta*, *Informajuca*, *Bela Vista*, *O Cristóvão*, *Porto Norte*, *Folha 3*, *Já Bom Fim*, *Oi* e *CS Zona Sul*.

O jornal *Já Bom Fim*, durante o mesmo período, difundiu muitas matérias culturais e sociais, como, por exemplo, as reportagens intituladas “Meninos de Programa”, “O casamento Gay” e “Imigração Judaica”, além de publicar diversas reportagens críticas sobre o problema ambiental e o plano diretor da cidade, do ponto de vista municipal.

O Plano Diretor do município de Porto Alegre foi um assunto difundido por quase todo segmento de jornais. O tema causou muitos debates entre a população e polêmicas em torno de diversos itens, como, por exemplo, preservação do meio ambiente, área de construção civil, área de comercialização e altura dos edifícios. Destacamos que, nesse item, a imprensa de bairro ofereceu um importante serviço à população, muito mais amplo e profundo do que o realizado pelos jornais diários da capital gaúcha, com tiragens superior a 100 mil exemplares e contendo um quadro de mais de 50 repórteres em cada redação.

Os jornais *O Jornaleção*, *CS Zona Sul*, *Espaço Aberto*, *Jornal do Centro*, *Metrópole*, *Meu Bairro Partenon*, *Bom Senso*, *Via Norte*, *O Noticiário*, *Informajuca* e *Bela Vista* publicaram notícias que retratam as demandas sociais e a participação da prefeitura nos eventos desse setor na cidade, não necessariamente em seus bairros. Todo o grupo

da imprensa de bairro tem por critério publicar notícias relacionadas às organizações não-governamentais, que compõem o terceiro setor da economia.

Gênero dos textos

De um total de 1.957 matérias publicadas em três edições do ano pelos 26 jornais selecionados, 343 são relativas ao tema “política comunitária” (mobilização da comunidade em torno de demandas pontuais), representando 16% do noticiário de bairro. É pouco, considerando as atividades realizadas pelas lideranças de movimentos e de entidades, além do trabalho dos políticos e das autoridades governamentais.

As matérias sobre o tema podem ser subdivididas nos gêneros informativo e opinativo. A categoria informativa é predominante, ocupando 61,5% do espaço, o que representa 200 textos. Deste total, 98 são notícias (30%); 57 são reportagens (17,5%); 23 são notas (7%); 18 são entrevistas ping-pong⁷ (5,5%) e 4 são matérias categorizadas como “serviço⁸ (1,2%)”⁹. As matérias opinativas somaram 125 textos, representando 38,4% do total dedicado à movimentação política das comunidades. Em média, cada jornal de bairro publica 4,3 matérias por edição sobre o tema. Considerando que a quase totalidade dos jornais circula com 8 páginas e que cerca de 40% do espaço é ocupado por publicidade, entendemos que os jornais dão uma importante contribuição para cobertura dos movimentos populares.

Podemos depreender que, com relação às lutas políticas da comunidade, os jornalistas têm como estratégia não assumirem posições, através de seus jornais, deixando que seus líderes e moradores apareçam como reivindicadores, defensores ou críticos das

ações governamentais e/ou da iniciativa privada, já que mobilizam-se em torno de demandas pontuais, como a construção de postos de saúde. A opinião aparece a partir das declarações da comunidade em reportagens, entrevistas, notícias e notas. Ou, ainda, através de textos opinativos, que, neste caso, ocuparam 38,4% do espaço destinado ao assunto (o equivalente a 125 notícias).

Na categoria opinativa, os jornais de bairro trabalham com poucos gêneros¹⁰. São eles: editorial, artigo, carta, comentário (em texto longo ou curto), crônica e coluna. Também incluímos nesta categoria os relises (por atenderem à expectativa de publicação de quem os envia, servindo como instrumento de negociação comercial e publicitária).

Quantitativamente, os textos opinativos ficaram assim distribuídos: 46 notas opinativas, o que equivale a 14,1% do noticiário de cada edição de jornais de bairro; 24 comentários: 7,3%; 16 artigos: 4,9%; 14 editoriais: 4,3%; 14 relises: 4,3%; 7 cartas: 2,1% e 4 crônicas: 1,2%.

Considerando os dois gêneros, os textos ficaram distribuídos da seguinte forma, por ordem decrescente: notícia (30,1%); reportagem (17,5%); nota opinativa (14,1%); notas informativas (7%); entrevista (5,5%); artigo (4,9%); comentário (4,6%); editorial (4,3%); relise (4,3%); carta (2,1%); crônica (1,2%) e serviço (1,2%).

Em termos de quantidade de matéria publicada, considerando os dois gêneros (325), por ordem decrescente, os jornais ficaram assim classificados: *Folha do Porto* (50); *Jornal do Centro* (28); *Bom Senso* (28); *Jornaleção* (28); *O Noticiário* (27); *Fala São João* (21); *Fala Bom Fim* (20); *Zona Norte* (15); *Mais Petrópolis* (14); *Geramigos* (12); *Espaço Aberto* (10); *Gazeta do Porto* (9); *Via Norte* (9);

⁷ *Entrevista ping-pong é a entrevista editada em forma de pergunta-resposta, preservando na íntegra as respostas do entrevistado.*

⁸ *Consideramos como serviço informações muito curtas, às vezes em gráficos ou tabelas, informando horário de abertura e fechamento de serviços em feriados e nos fins de semana, índices econômicos, cursos, shows, agenda cultural, entre outras.*

⁹ *Os percentuais foram calculados a partir do número total de matérias publicadas nas edições analisadas (2.015).*

¹⁰ *Utilizamos a categorização estabelecida por José Marques de Melo, em *Jornalismo Opinativo* (2003).*

Metrópole (8); *CS Zona Sul* (7); *Já Bom Fim* (7); *Oi* (7); *Folha 3* (6); *Porto Norte* (4); *O Cristóvão* (4); *Informajuca* (3); *Bela Vista* (3); *Floresta* (2); *Destak* (1); *O Grande Partenon* (1); *Meu Bairro Partenon* (1).

Interessante notar que os números revelam as relações comunicacionais existentes entre jornais e comunidades: o editor do *Jornaleção* mora no bairro por onde circula o jornal desde que nasceu e mantém fortes laços de amizade com os líderes da comunidade. O responsável pelo jornal *O Noticiário* tem forte atuação junto à Associação dos Moradores do bairro por onde circula. Os jornais *Fala São João*, *Fala Bom Fim*, *Bom Senso* e *Geramigos* pertencem às associações de moradores de seus bairros.

O jornal *Folha do Porto*, que ocupa primeiro lugar na pesquisa, em quantidade de matérias publicadas, envolvendo a mobilização da comunidade, apresenta um diferencial em relação a todos os outros: seu proprietário e editor propõe-se a fazer um jornalismo totalmente crítico e opinativo, com ênfase nas ações dos governantes públicos. Para garantir independência, no rodapé da capa do jornal está estampada a seguinte mensagem: “Este jornal recusa publicidade de órgãos oficiais de governo”.

O *Jornal do Centro* pertence a uma agência de publicidade e mantém poucos vínculos com as associações e demais entidades sem fins lucrativos. Todavia, circula no bairro de maior agitação populacional: o centro da cidade, para onde todos se dirigem quando querem protestar, pois nele estão praticamente todos os órgãos dos governos municipal, estadual e federal.

O proprietário do jornal *Zona Norte*, que publicou 15 matérias ao todo, há cinco anos faz um grande esforço para fortalecer seu

O jornal Oi, que já foi o melhor jornal de bairro de Porto Alegre, nos anos 90, está hoje totalmente descaracterizado do ponto de vista de conteúdo

jornal como imprensa de bairro, mas tem dificuldades na produção editorial, já que não é jornalista e não conta com o trabalho desses profissionais. Por esta mesma razão, publica grande número de relises que tratam de temas de interesse local, como atuação dos vereadores na Câmara, inauguração de obras e programas habitacionais.

Os jornais *Espaço Aberto*, *Gazeta do Porto*, *Via Norte* e *Metrópole* atuam em bairros com fortes entidades representativas da comunidade, presentes nas páginas desses jornais. O *Já Bom Fim* também circula em um bairro com a mesma característica, todavia sofre a concorrência do *Fala Bom Fim*, que pertence à Associação dos Moradores do Bairro Bom Fim. Portanto, as atividades pontuais da comunidade se encontram nas páginas do jornal da entidade. O *Já Bom Fim* dedica-se mais a temas gerais, de interesse local, como o Plano Diretor, questões ambientais e culturais. O mesmo acontece com o jornal *Floresta*, que sofre concorrência do jornal *O Cristóvão*, da Associação dos Moradores do Bairro Floresta. Este, todavia, tem dado maior ênfase a questões econômicas e comerciais do bairro, bem como das atividades internas da associação.

O jornal *Oi*, que já foi o melhor jornal de bairro de Porto Alegre, nos anos 90, detentor de um prêmio ARI de Jornalismo, quando ainda pertencia ao jornalista-fundador Geraldo Canali, está hoje totalmente descaracterizado como jornal de bairro do ponto de vista de conteúdo, apesar de ainda circular no bairro Menino Deus. Encontra-se nas páginas desse jornal até noticiário de Nova Iorque.

O jornal *O Grande Partenon* dedica grande parte de seu espaço a questões literárias, todavia apresenta notícias do bairro, mas

não na área política. O mesmo acontece com o *Informajuca*, que também dá maior cobertura às atividades comerciais da região por onde circula. O jornal *Folha 3* circula em um bairro de classe alta, que tem uma forte Associação de Moradores. Todavia, o movimento da comunidade não é tão freqüente. Eles se manifestam em questões pontuais, como o Plano Diretor da cidade e meio ambiente. Por essa razão, o noticiário político não é tão intenso, havendo ênfase para notícias culturais.

O jornal *Bela Vista* circula em bairro nobre da cidade, com pouquíssima mobilização dos moradores e, até poucos anos atrás, sem nenhum representante nas discussões do orçamento participativo da prefeitura. Com a ajuda e insistência do proprietário do *Bela Vista*, foi criada uma associação que tem realizado mobilizações pontuais, como, por exemplo, em torno da segurança do bairro. Não é de se estranhar o baixo índice de notícias políticas.

O proprietário do jornal *Destak*, que não é jornalista, tem uma posição muito particular em torno de questões políticas: não quer nenhum tipo de envolvimento. Por isso, dedica-se à cobertura de notícias esportivas, econômicas e de entretenimento. O *Meu Bairro Partenon*, por um lado, sofre do mesmo problema: falta de jornalista. Por outro, procura uma fórmula para se estabelecer e se firmar no bairro.

Algumas considerações

Considerando os dados levantados, entendemos que os jornais de bairro reúnem condições para serem editorialmente independentes em relação à administração municipal. Isso significa dizer que eles podem ser bastantes críticos e investigativos, para

Nem mesmo os jornais das associações de moradores têm posição crítica em relação ao poder público

poderem denunciar abusos do poder público municipal. Podem posicionar-se ao lado da comunidade e manifestarem apoio explícito a suas reivindicações no editorial do jornal, se não se sentirem à vontade para fazer o mesmo no espaço destinado ao noticiário. No entanto, não é esta posição que encontramos nas páginas da imprensa de bairro. Nem mesmo os jornais das associações de moradores têm posição crítica em relação ao poder público.

Algumas evidências deste segmento da imprensa podem explicar o posicionamento pouco crítico dos jornais, mas não todas. Será preciso aprofundar o estudo em torno deste segmento da imprensa. Mas, sabemos que muitos jornalistas proprietários dos jornais de bairro são filiados ao PT e possuem uma história de luta política em defesa do partido. Por isso, têm dificuldade em serem críticos às administrações do PT. Outros só têm preocupação comercial e, por nenhum motivo, querem fechar as portas para qualquer segmento da sociedade.

Uma outra parte de representantes desse grupo tem medo de sofrer retaliações por parte das autoridades municipais, que venham a causar o fechamento do jornal. Esse medo precisa ser melhor estudado para que possamos compreender sua origem e se realmente é cabível.

No entanto, a partir de alguns indícios levantados, percebe-se que analisar a independência ideológica, política e econômica desse segmento não é suficiente para responder se e por que os jornais estão ou não atendendo às demandas políticas da comunidade, contribuindo, assim, para o exercício da cidadania e da livre manifestação do pensamento e do fortalecimento da democracia.

A compreensão do problema passa pelos interesses particulares, educação, cultura, ideologia, mercado de trabalho e saúde mental dos proprietários dos jornais. Observamos, por exemplo, que as características dos jornais são divergentes e é muito difícil encontrar um pensamento de consenso entre os 24 proprietários de jornais de bairro. Até o momento, a única preocupação comum entre o grupo é com a estética do jornal. Todos querem “parecer” bonitos: boa diagramação, boas fotos, colorido, papel de qualidade. Não há consenso com relação à linha editorial, à comercialização do espaço publicitário, à distribuição, à impressão e à tiragem. O grupo não consegue atuar como grupo, mas individualmente.

Quanto aos diretores de jornais que pertencem a associações de moradores, verificamos que, ao longo do tempo, todos acabam usando o jornal como instrumento de propaganda política. Parece ser caminho natural a candidatura à presidência de associações e, posteriormente, a um mandato parlamentar. E será que esta realidade modifica o papel comunitário do jornal? Será esta conduta errada para um jornal comunitário? A quem caberá o papel de denunciar candidatos da comunidade oportunistas e eleitores?

Podemos, concluir, então, que jornais que pertencem a associações de moradores não são mais, nem menos comunitários do que jornais administrados por jornalistas ou por profissionais de outras áreas. Há casos de jornais totalmente comunitários, sendo administrados por jornalistas. Há casos de jornais editados apenas com fins comerciais e/ou políticos, pertencendo ou não às associações. E há jornais plenamente comunitários que pertencem às associações. O que determina a condição de comunitário é a história particular de cada jornal.

Sobre a autora

Beatriz Dornelles, doutora, professora e pesquisadora do PPGCom da Famescos/PU-CRS.

e-mail: biacpd@puccrs.br

Referências

- BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica*. São Paulo: Ibrasa, 1972.
- DORNELLES, Beatriz. *Imprensa comunitária: jornais de bairro de Porto Alegre*. In: HAUSSEN, Doris Fagundes. *Mídia, Imagem & Cultura*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.
- DORNELLES, Beatriz; BIZ, Osvaldo. *Jornalismo solidário*. Porto Alegre: Evangraf, 2006.
- FESTA, Regina; LINS DA SILVA, Carlos Eduardo. *Comunicação popular e alternativa no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1986.
- GOHN, Maria da Glória (org.). *Movimentos sociais no início do século XXI; antigos e novos atores sociais*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *Quem manipula quem?* Petrópolis: Vozes, 1986.
- MARQUES DE MELO, José. *Jornalismo opinativo; gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. Campos do Jordão: Editora Mantiqueira, 2003.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. *Imprensa e poder*. Brasília: Editora UnB, 2002.
- PAIVA, Raquel. *O Espírito comum; comunidade, mídia e globalismo*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- PERUZZO, Cicília Krohling. *Comunicação nos movimentos populares. A participação na construção da cidadania*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- RUBIM, Antonio Albino Canelas. *Comunicação & política*. São Paulo: Hacker Editores, Coleção Comunicação, 2000.